

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE
DISCENTES EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

Área Temática: Finanças

RESUMO

O objetivo é analisar a percepção de discente de uma Instituição de Ensino Superior privada sobre a educação financeira. Quanto aos procedimentos metodológicos, faz-se uma pesquisa quantitativa, através do método Survey aplicado com estudantes de Administração em Sobral – CE. Entre os principais resultados, a pesquisa apresentou um cenário favorável quanto ao conhecimento em finanças dos entrevistados em detrimento com o ambiente brasileiro. Observou-se que a maior parte dos estudantes faz algum tipo de planejamento financeiro, mesmo que seja de maneira incipiente, assim como muitos têm noção de seus gastos mensais e observam preços de produtos frequentemente.

Palavras-chave: Educação financeira; Finanças Pessoais; Finanças comportamentais.

ABSTRACT

The objective is to analyze the perception of students from a private Higher Education Institution about financial education. As for the methodological procedures, a quantitative research is carried out, through the Survey method applied to Business Administration students in Sobral - CE. Among the main results, the research presented a favorable scenario regarding the interviewees' knowledge in finance to the detriment of the Brazilian environment. It was observed that most students do some type of financial planning, even if in an incipient way, as well as many are aware of their monthly expenses and frequently observe product prices.

Keywords: Financial education; Personal finances; Behavioral finance.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a educação financeira tem sido um tema bastante discutido nos âmbitos acadêmico, empresarial e governamental em vários países, gerando estudos relacionados a uma qualidade de vida, com equilíbrio financeiro no presente e conforto futuro, como mencionam Halfed (2006), Gitman (2010) e Vieira (2012).

Observa-se que, devido à fatores socioculturais, o brasileiro ainda tem muita dificuldade de se organizar financeiramente. Além disso, o tema ainda é pouco abordado no sistema de ensino nacional, principalmente nos níveis de escolaridade mais básicos (ensino fundamental e médio), e até mesmo em muitos cursos de nível superior que não abordam esse assunto.

O consumo consciente e a saúde financeira são essenciais para a qualidade de vida do cidadão, o que o jornal chama de “cidadania financeira” com variáveis que incentivam a autonomia, a liberdade e a segurança do consumo, além de combater a corrupção (O POVO, 2020).

De acordo com Castro e Rodrigues (2020), o Banco Central divulgou em abril de 2020 um relatório em que mostra que 45,5% das famílias brasileiras estavam endividadas em fevereiro de 2020 (ressalta-se que num período pré-pandemia). Ademais, em março e abril do mesmo ano, o crédito concedido às famílias brasileiras aumentou, o que refletiu numa elevação ainda maior do endividamento no mês de maio, no qual chegou a 66,6% das famílias brasileiras em maio (CAMPOS, 2020).

Em suma, percebe-se um nível estratosférico de endividamento no Brasil, com dois terços das famílias endividadas em maio de 2020. Nesse contexto, é de extrema importância desenvolver políticas voltadas para incentivar e/ou mensurar a educação financeira dos brasileiros visto que diversas organizações e autores concordam que a mesma pode combater o consumo desenfreado e outras mazelas financeiras. Desse modo, surge o problema de pesquisa: como o conhecimento de educação financeira auxilia o aluno do Ensino Superior para uma visão crítica da cidadania? Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo analisar o conhecimento financeiro dos alunos do curso de Administração de uma faculdade particular de Sobral – CE.

Justifica-se o artigo em virtude da relação observada entre o alto índice de mazelas financeiras no Brasil, como a inadimplência e a necessidade de popularizar a educação financeira no país. Sendo que o próprio Brasil (2013) reconhece a importância do assunto nos diferentes níveis de ensino, existe a expectativa de que a educação financeira seja melhor trabalhada no ambiente escolar. Baseado nesse contexto, o estudo de Santos (2014) realizado com 411 discentes da educação básica apontou que a maior parte dos entrevistados não tinham conhecimento suficiente acerca de educação financeira, demonstrando dessa forma um cenário alarmante e a necessidade de discutir nas escolas. Posto isso, Pinho (2011) realizou um levantamento sobre a educação escolar e identificou que em países como os Estados Unidos e o Japão a temática está bastante presente, enquanto que no Brasil há evidências de que embora não se configura na mesma intensidade há uma maior preocupação para estimular os discentes através de iniciativas em prol da população de forma a contribuir nessa temática.

As crises financeiras do país, o incentivo ao consumo desenfreado e a falta de educação financeira faz com que pessoas que têm uma receita, tenham mais tendência a inadimplência (Braido, 2014). Ressalta-se então a importância do ensino da educação financeira, principalmente aos jovens brasileiros, auxiliando-os a organizarem seus orçamentos domésticos. Infelizmente, ainda se tem um ensino um

tanto frágil em relação a essa necessidade, estando a educação financeira limitada ao ensino superior, e ainda sim somente em alguns cursos.

O decreto presidencial 7.397/2010 instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que tem como objetivo propiciar a educação financeira, aumentando a capacidade do cidadão desde criança até a vida adulta, estar tomando decisões de forma consciente, contribuindo da melhor forma para a economia. A ENEF foi uma vitória para a área, contudo ainda parcial, em um país que prevalece a ganância e a corrupção, o assunto se torna complicado para muitos.

No âmbito familiar, o planejamento orçamentário deve ser tido como uma ferramenta colaborativa para a realização de sonhos e projetos, refletindo sobre de onde vem e para onde está indo o dinheiro, além disso, estudantes que tiveram acesso à educação financeira, como os universitários da área de gestão, podem se transformar em porta-vozes do assunto para as famílias (BANCO CENTRAL, 2010; PETER; PALMEIRA, 2013).

Além disso, esse estudo justifica-se pela necessidade de estudar a temática sobre o ponto de vista teórico e prático, uma vez que a sociedade brasileira está precisando sair do analfabetismo financeiro e a Educação Financeira nos diversos níveis de ensino é uma solução, pois possibilitará ao aluno uma visão crítica, podendo rever seus valores, questões éticas e passando a cuidar do próximo. Ela forma para a cidadania, visando educar para consumir e poupar com consciência e responsabilidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Financeira

Pinheiro (2008) conceitua a educação financeira como a habilidade que as pessoas apresentam de fazer escolhas adequadas ao gerir suas finanças pessoais durante sua vida, podendo contribuir para ajudar os indivíduos a compreenderem o valor do dinheiro no controle orçamentário e aprenderem a poupar. Propiciando aos estudantes e jovens adquirirem competências que lhes permitam viver de forma independente, para que quando chegarem à fase adulta, planejem grandes acontecimentos para sua vida, como a compra da casa própria, sustento da família, estudo dos filhos e a preparação para uma aposentadoria tranquila.

Para o Comitê Nacional de Educação Financeira – CONEF (2013), a Educação Financeira tem um sentido ainda mais amplo, pois consiste na arte de gerenciar seus recursos, escolhendo o que é mais ou menos necessário em cada fase da vida, sempre na busca de uma melhor qualidade de vida para si mesmo e para a sociedade.

Para Peter e Palmeira (2013), a elevação do impacto positivo da Educação Financeira para o Brasil, tornam-se necessárias ações por parte do governo, da iniciativa privada e do terceiro setor, pois nesse contexto, o papel das instituições de ensino é imprescindível na formação de uma cultura de poupança e na conscientização dos indivíduos para lidar com os instrumentos oferecidos pelo sistema financeiro e atender as suas demandas pessoais.

O sistema de ensino brasileiro exige que um estudante passe nove anos no Ensino Fundamental e mais três anos no Ensino Médio para teoricamente concluir a formação básica enquanto cidadão, todavia todos estes anos ofertam vários conteúdos que incentivam os estudantes a assimilarem conteúdos que futuramente terão pouca utilidade, enquanto que noções comerciais, financeiras ou econômicas

são muitas vezes ignoradas, junto o assunto “dinheiro”, que todos um dia terão a necessidade de gerenciá-lo (PETER; PALMEIRA, 2013).

As pesquisas sobre educação financeira estão concentradas nos Estados Unidos e no Reino Unido tendo como foco principal tanto os estudantes do ensino médio quanto no superior, em ambos os países, a literatura aborda descrições estatísticas que relacionam dados demográficos, financeiros e socioeconômicos com a educação financeira (SAITO, 2007a).

Saito (2007a) afirma que várias nações desenvolvidas, sobretudo na Europa e na América do Norte, tiveram seus sistemas previdenciários reformulados e se deram conta da importância da educação financeira, por isso têm investido em vários programas e ferramentas populares como *sites*, panfletos e campanhas midiáticas, a fim de esclarecer a população sobre temas como crédito, seguros e investimentos.

De acordo com o Código de Defesa do Consumidor, em Brasil (1990), é dever de o Estado proporcionar a Educação Financeira através de órgão específico, como o IDEC, o Instituto de Defesa do Consumidor, por exemplo. O Brasil recentemente vem adotando esta prática, e com ajuda das instituições financeiras como o Banco Central do Brasil (BACEN) e a Bolsa de Valores de São Paulo, a Bovespa, promovem a educação financeira de diversas formas pelo país, inclusive nas escolas e faculdades.

2.2 Finanças Pessoais

Observa-se que inicialmente, os estudos financeiros estavam concentrados apenas nas organizações, todavia com o tempo, percebeu-se que pessoas físicas e organizações fazem movimentações financeiras muitas vezes semelhantes, como obtenção de receitas, levantamento de fundos, compra de bens, investimentos, entre outras, além disso, observa-se que boas práticas financeiras podem trazer benefícios tanto para pessoas físicas quanto para as jurídicas (ASSAF NETO, 2003). Assaf Neto (2003) ressalta que mercado financeiro direciona seus estudos para os comportamentos dos mercados, suas negociações e as instituições financeiras que atuam nesse segmento, enquanto que as finanças corporativas estudam os processos e as tomadas de decisão nas organizações.

Percebe-se que o estudo das finanças pessoais é o mais recente entre os três segmentos das finanças, e que, embora os princípios financeiros tenham sido inicialmente direcionados para as corporações, podem ser aplicados nas finanças pessoais, já que tanto as empresas quanto os indivíduos veem o dinheiro como uma forma de alcançar objetivos. Para Saito (2007b) as finanças pessoais representam decisões econômicas nos quais os indivíduos ou um grupo de pessoas (principalmente a família) buscam elevar a sua riqueza por meio de investimentos.

Gitman (2010) define as finanças pessoais como a habilidade de se administrar dinheiro, ressaltando que praticamente todas as pessoas físicas ou jurídicas ganham, gastam e/ou investem dinheiro.

Halfed (2006) defende que as finanças pessoais são estratégias para a manutenção e acumulação de bens ou valores que formarão o patrimônio de uma pessoa e de uma família. Essas estratégias podem ser para curto, médio ou longo prazo e têm por objetivo o bem-estar financeiro do indivíduo.

Quando se deseja adquirir um bem valioso, como por exemplo, um carro ou um imóvel, ou ainda, quando se deseja criar reservas de dinheiro, o planejamento financeiro torna-se essencial, bem como levar em conta toda a informação disponível e a capacidade do indivíduo em interpretá-las, evidenciando a necessidade do acesso

a capacitações da área. Cherobim e Espejo (2011) comentam que o planejamento financeiro envolve perspectivas futuras baseados em objetivos elaborados no presente, uma vez que se espera que o alcance de metas definidas, tornando sonhos em realidades.

2.3 Planejamento Financeiro Pessoal

O planejamento financeiro pessoal é uma forma onde os indivíduos terão o exercício de controlar a entrada e saída de dinheiro pessoal, ou até mesmo familiar, o controle pode ser feito por planilhas no próprio Excel, de curtos a longos prazos, dependendo das circunstâncias. Lizote et al. (2014) definem planejamento pessoal como um conjunto de estratégias direcionadas para a manutenção ou acumulação de recursos financeiros no qual define o desempenho do patrimônio, seja de forma individual ou familiar, e que por isso há uma urgência para discutir a temática.

No Brasil, o planejamento financeiro pessoal é algo que pode ser considerado novo para a maioria, uma vez que não é hábito dos brasileiros fazer planejamentos financeiros, falar sobre dinheiro, podendo ser reflexo das constantes instabilidades econômicas que por muitos anos fez parte da vida dos brasileiros, como a inflação desenfreada da década de 80/90 ou as constantes trocas de moeda durante a segunda metade do século XX (D'AQUINO, 2008).

Para Cerbasi (2008), o planejamento de longo prazo somente funciona se os planejamentos de curto e médio prazo estiverem incluídos nele. Existem duas interpretações para o planejamento de curto e médio prazo, a primeira delas é possuir metas simples, de pouco esforço para obter, os mesmos são relevantes, pois há o que comemorar em curtos períodos, instigando e acostumando com a ideia de correr atrás dos objetivos, focando em coisas boas e não somente nos problemas diários. A segunda interpretação baseia-se em estabelecer metas intermediárias para o planejamento de longo prazo, pois a falta de respostas em meio ao alcance do projeto pode provocar a desistência do mesmo. Em suma, Cerbasia (2008) e D'Aquino (2008) ressaltam que o planejamento financeiro deveria ser como objetivo, um sonho, assim de adequar melhor, sendo como um incentivo necessário para dar-se início a organização financeira.

Sabe-se que por mais que pareça fácil, a dificuldade do brasileiro é imensa em relação a poupar. De acordo com Cerbasi (2004), existem cinco estilos de como as pessoas lidam com o dinheiro, conforme o quadro 01:

Quadro 01 - Estilos de como as pessoas lidam com dinheiro

Perfil	Características
Poupadores	Pessoas que não se importam em se restringir com os gastos atuais, pois querem conquistar a independência financeira com muito dinheiro.
Descontrolados	Pessoas que gastam toda a renda mensal e às vezes até um pouco além, não possuem poupança, seguem a ideia de que o que importa é ser feliz e não se assustam com a tomada de crédito, como empréstimos, por exemplo.
Descontrolados	Pessoas que estão sempre cortando gastos, mas nunca o suficiente, usam cheque especial, ou pagam a conta de cartão de crédito atrasada, não existe chance de organização nas finanças.

Desligados	Poupam apenas o que sobra e quando sobra, acham sempre que o plano de aposentadoria é algo para se pensar depois.
Financistas	Pessoas com rigoroso controle dos gastos, preferem acumular para poder comprar mais pagando menos.

Fonte: Adaptado de Cerbasi (2004)

Os perfis do quadro 01 são os mais comuns quando é abordado a pauta de educação financeira, embora em algumas situações o indivíduo pode apresentar mais de um perfil, alternando entre “poupador” e “descontrolado”, por exemplo. Sobre esse comportamento, Nigro (2018) critica a ausência do indivíduo de pensar à longo prazo, pois segundo o autor é um aspecto negativo da cultura brasileiro. Já no estudo de Silva, Oliveira e Silva (2018), realizado com vinte alunos de uma instituição de superior, 60% dos entrevistados afirmaram que pensam apenas à longo prazo, mas geram endividamentos à curto prazo, seja por não ter dinheiro ou quando está próximo do fim do mês.

3 METODOLOGIA

Este estudo se configurou do tipo quantitativo, considerado por Michel (2005) um método de pesquisa social que utiliza a quantificação nas modalidades de coleta de informações e no seu tratamento, mediante técnicas estatísticas, tais como percentual, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outros.

Quanto a abordagem, trata-se de uma pesquisa descritiva. Gil (2008, p. 28) afirma que “as pesquisas desse tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis”, logo, a criação de conhecimentos científicos de que trata a finalidade desta pesquisa leva em consideração a relação de vezes que determinado assunto é comentado pelos pesquisadores, e exploratória, por familiarizar-se com um assunto que não é muito investigado ou não se tem muito domínio.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa explicativa que, segundo Gil (2002, p. 28) “são aquelas pesquisas que tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Portanto, a presente pesquisa tem como finalidade correlacionar dados para analisar um cenário previamente escolhido, criando conhecimento a partir de resultados extraídos dele.

Quanto aos procedimentos, realizou-se um levantamento de dados do tipo “survey”, por buscar informações de um grupo de interesse, no caso, estudantes de uma Instituição de Ensino Superior do município de Sobral – CE. Na visão de Fonseca (2002), a pesquisa com *survey* é utilizada para coletar dados ou informações sobre as características ou convicções de determinado grupo de pessoas, que representa uma população-alvo (FONSECA, 2002).

Assim, aplicou-se um questionário com 15 perguntas fechadas, utilizando-se da ferramenta *Google Forms*, e enviado para os estudantes participantes da pesquisa através do *WhatsApp*, durante os dias 05 a 18 de novembro de 2020. Escolheu-se estudantes do curso de Administração, devido aos mesmos possuírem disciplinas voltadas para a área financeira, bem como conveniência para o autor do artigo.

A população total seria de 335 estudantes de Administração, nesse contexto, colheu-se uma amostra de 165 respondentes, obtendo-se uma pesquisa com margem de erro de 5,4 pontos percentuais.

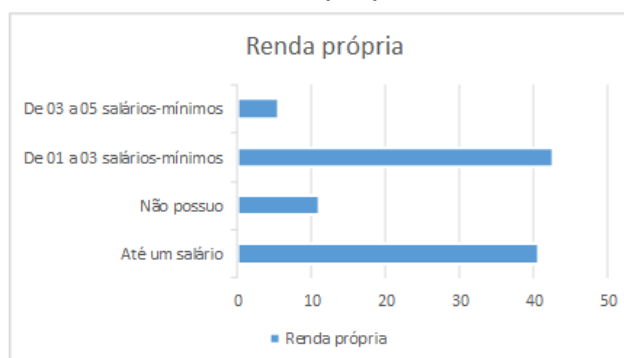
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Perfil dos respondentes

O presente estudo foi feito com base em respostas de estudantes de uma Instituição de Ensino Superior Privada localizada na cidade de Sobral, interior do Ceará, com a maior parte dos entrevistados (69,1%) que representam o sexo feminino e 89,1% do total possuía alguma fonte de renda durante a pesquisa, o que reflete em um cenário em que as pessoas dividem as responsabilidades do trabalho com o dos estudos, tendo em vista que todos os entrevistados são estudantes universitários.

Quanto às fontes de renda, a mais comum diz respeito aos empregos com carteira assinada (45,5%) do total, seguido por empreendimentos (23,6%) e estágios ou programas de aprendiz (21,8%), nenhum dos respondentes tinha como fonte de renda pensões ou aposentadorias, o que pode ser reflexo da faixa etária estudada. Quanto a renda própria, percebe-se que a maior parte dos entrevistados, considerando os que não têm renda, ganham até um salário mínimo, totalizando 50,8% do total de entrevistados, conforme apresentado no gráfico 01:

Gráfico 01 - Renda própria



Fonte: dados da pesquisa (2020)

Não obstante, observa-se que a maior ocorrência se dá entre os que ganham de 01 a 03 salários-mínimos (42,6%), apenas 5,6% ganham entre 03 e 05 salários-mínimos, e nenhum dos entrevistados ganham mais de 05 salários-mínimos, nesse contexto, infere-se que o público-geral da pesquisa seriam pessoas de classe média.

Essa inferência torna-se ainda mais palpável quando se questiona a renda familiar mensal, na qual 50% tem de 01 a 03 salários-mínimos, 33,3% de 03 a 05 salários-mínimos, 11,1% até um salário mínimo e apenas 5,6% mais que 05 salários-mínimos. Baseado nesse contexto, Ribeiro (2014) explica que o planejamento financeiro, independentemente do valor individual, é necessário organização e, principalmente, uma análise de todas as possibilidades para evitar possíveis endividamentos.

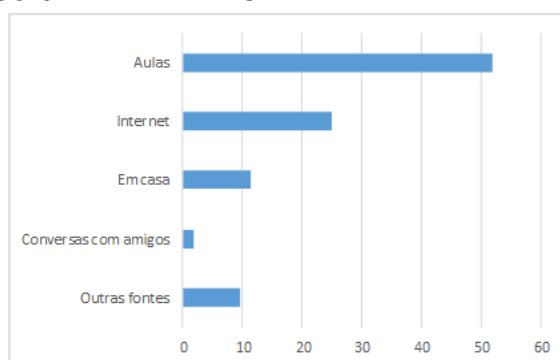
Em resumo, o perfil dos respondentes é de um público jovem, de classe média, com escolaridade relativamente alta (Ensino superior incompleto), que concilia estudo e trabalho, e predominantemente do gênero feminino.

4.2 Conhecimento financeiro

Quanto ao conhecimento em finanças pessoais, a grande maioria dos entrevistados (90,9%) disse possuir algum conhecimento financeiro. Sendo que,

51,9% dos participantes disseram que a principal fonte de conhecimento sobre o assunto seria nas aulas, conforme o gráfico 02:

Gráfico 02 - Fonte de Conhecimento em Finanças Pessoais



Fonte: dados da pesquisa (2020)

A alta porcentagem de estudantes que tiveram as aulas como fonte de conhecimento financeiro pode ser reflexo do nível de ensino em que a pesquisa foi aplicada – nível superior – bem como, o curso em que o questionário foi aplicado – Administração, um curso em que geralmente tem disciplinas voltadas para as finanças. De acordo com Reis, Matsumoto e Barreto (2013), o conhecimento sobre finanças pessoais possibilita uma maior análise para discernir aquilo que é importante do que é supérfluo, influenciando na adequação das despesas pessoais e no controle dos pagamentos efetuados. No entanto, mesmo com conhecimento financeiro há situações que o indivíduo, diante da oferta de crédito com um maior limite, potencializa o seu poder de consumo, e isso irá refletir no endividamento e, em algumas situações, possíveis inadimplência (Vieira, Flores & Campara, 2014).

A inferência de que esse cenário é fruto do ingresso no nível superior, é embasado conforme a definição dos autores Halfed (2006) e Vieira (2012), de que os ensinamentos fundamental e médio brasileiros não preparam os estudantes para a vida financeira, e mesmo o nível superior limita-se a alguns cursos das áreas de Ciências Sociais Aplicadas, como Administração, Ciências Contábeis, Economia, entre outros.

Além disso, a própria pesquisa empírica mostra que 78,2% dos entrevistados consideram que o tema não foi abordado corretamente durante sua vida estudantil. Esse cenário, juntamente com o embasamento teórico levantado, reforça a necessidade de se estudar educação financeira nas escolas brasileiras, conforme foi defendido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2005), sendo que o baixo conhecimento nessa área pelos jovens brasileiros pode afetar diretamente suas decisões no futuro, bem como sua qualidade de vida, conforme dito por vários autores como Halfed (2006) e Vieira (2012).

Todavia, a taxa de 90,9% de respondentes que possuem algum conhecimento em finanças é bastante positiva para o bem estar econômico do país, pois conforme Halfed (2006), a falta de conhecimento financeiro pode gerar maus hábitos e afetar não apenas as finanças do indivíduo em si, mas a economia como um todo. Interessante destacar que, ao cruzar os dados, percebe-se que a porcentagem de homens que não possuem conhecimento em finanças (42%), é menor que a de mulheres (54%).

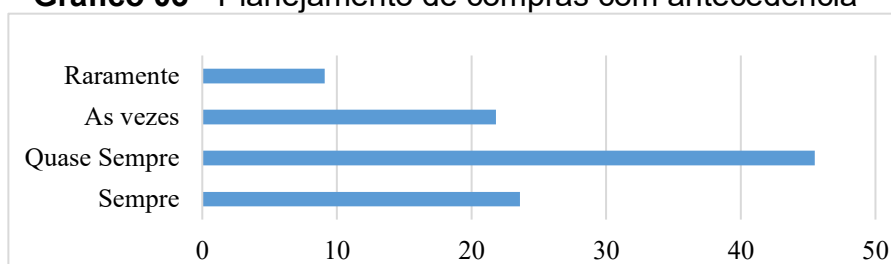
Sobre a quantidade de conhecimento financeiro adquirido, mais da metade se considera pouco satisfeita (52,7%), frente a 45,5% que estão satisfeitos (40% satisfeitos e 5,5% muito satisfeitos) e 1,8% que estão insatisfeitos. Esse ponto, também pode ser visto como positivo, pois ao estarem pouco satisfeitos, infere-se que

o estudante pode procurar novos conhecimentos sobre a área. De acordo com Lücke et al. (2014), quando o planejamento das finanças pessoais é bem-sucedido possibilita que haja uma satisfação, gerando um bem-estar no indivíduo e assegurando que os recursos financeiros foram bem direcionados. No entanto, os mesmos autores ressaltam que é imprescindível estar aberto à possíveis alterações que podem ocorrer no cotidiano, visto que durante a rotina podem surgir empecilhos, necessitando direcionar os investimentos financeiros em algumas áreas para manter o equilíbrio das contas, mas ressalta que são pequenas alterações.

4.3 Planejamento Financeiro

Observa-se que os estudantes em suma, fazem algum planejamento para suas compras, com 69,1% dos mesmos planejando sempre (45,5%) ou quase sempre (23,6) o que irão comprar, conforme o gráfico 03.

Gráfico 03 - Planejamento de compras com antecedência

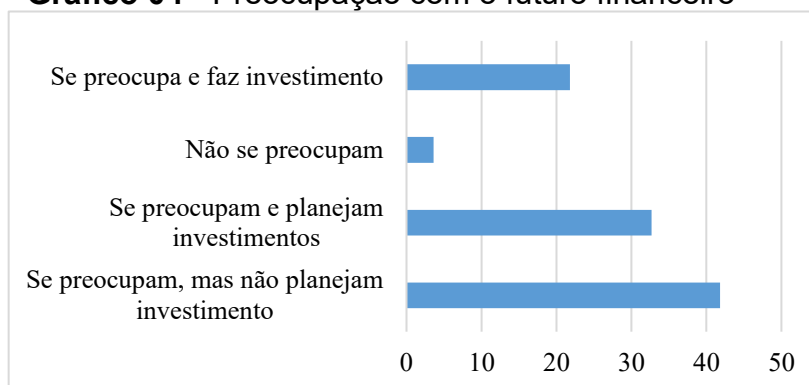


Fonte: dados da pesquisa (2020)

Observa-se ainda que 21,8% às vezes planejam suas compras, 9,1% raramente e nenhum dos entrevistados disse que nunca planeja suas compras. Embora esse resultado seja positivo para a qualidade de sua educação financeira, pode refletir não apenas no conhecimento financeiro, mas na baixa renda dos estudantes, uma vez que para comprar algo, o planejamento torna-se uma necessidade.

Percebe-se que a maior parte dos entrevistados (96,4%) se preocupa com seu futuro financeiramente, sendo que entre esses 41,8% se preocupa, mas apenas planeja investimentos; 32,7% se preocupa, mas ainda não faz nada em relação a isso; e apenas 21,8% se preocupa e já faz algum tipo de investimento. Para Krüger (2014) o ato de planejar-se financeiramente ainda é um desafio para muitos brasileiros, uma vez que é necessário a compreensão de cálculos matemáticos e tabelas que, por vezes, é compreensível apenas por especialistas na área em questão. Posto isso, Lucci et al. (2006) corroboram com esse pensamento e explica que o entendimento sobre o planejamento financeiro influencia na tomada de decisão, seja positiva ou negativa.

Gráfico 04 - Preocupação com o futuro financeiro



Fonte: dados da pesquisa (2020)

Observa-se que embora tenha preocupação com seu futuro financeiro, mais da metade dos alunos nem se quer planejam algum investimento futuro. Vieira (2012) afirma que essa falta de planejamento logo no início da juventude pode refletir na vida adulta, de maneira a causar problemas para o indivíduo. Secchi, Vieira e Ramos (2017) justificam que o impulsionamento para o ato de consumidor criado, principalmente pela mídia, reflete diretamente na preocupação que as pessoas tem com o futuro e através do planejamento financeiro é possível determinar metas que envolvam sonhos e estilos de vida, por exemplo, evitando que o futuro possa ser comprometido e garantido ao máximo o equilíbrio das contas pessoais. Gomes (2018) complementa que as decisões tomadas à curto, médio e longo prazo é um processo no qual deve haver uma continuidade sempre se baseando nas alternativas disponíveis e que estejam voltadas ações futuras.

Observa-se que quanto a considerar o preço do produto ao optar ou não por sua compra, todos os entrevistados fazem alguma observação ainda que poucas vezes do mesmo, sendo 43,6% observam sempre, 30,9% quase sempre, 25,5% às vezes. Nenhum dos entrevistados respondeu raramente ou nunca.

Ainda assim é notório que apenas 43,6% utilizam-se da observação do preço do produto como uma regra para a compra do mesmo, demonstrando eventuais faltas de planejamento sobre o assunto, conforme D'Aquino (2008), isso pode ser reflexo da falta de planejamento dos pais, uma vez que antes do plano Real, o Brasil possuía uma instabilidade financeira muito grande, impossibilitando qualquer tipo de planejamento, entende-se que mesmo com um cenário mais estável, os hábitos de não planejar podem ter sido herdados pela nova geração.

Ainda assim, 87,3% dos entrevistados disseram ter noção de seus gastos mensais, sendo que 49,1% têm a noção que gastam menos do que ganham, o que é mais um sinal positivo para a qualidade da vida financeira dos estudados; 45,5% acreditam que gastam menos do que ganham e apenas 5,5% não sabem responder. Nessa perspectiva, Langaro (2018) argumenta que quando o indivíduo possui noção sobre planejamento financeiro, maiores são as possibilidades de lograr êxito, mas ressalta que outros aspectos, tais como o social, cultural e psicológico influenciam de alguma forma na tomada de decisão e no desempenho.

Ao realizar um cruzamento de dados, observa-se que 90,9% dos que responderam observar os preços dos produtos frequentemente, também disseram ter noção dos seus gastos mensais, nisso percebe-se que essas pessoas já possuem um hábito de poupar dinheiro, mesmo que para isso seja necessário investir tempo para pesquisar preço. Todavia, o estudo de Rossini (2019) realizado com 6530 estudantes de graduação e sequencial apontou que 70,5 % dos entrevistados responderam que

definem os objetivos e pesquisam preços no mercado antes de comprar. Já Silva, Coelho e Silva (2020) justificam que com o crescimento da internet e o uso mais intensificado de dispositivos móveis, alinhados à tecnologia, possibilitam que os usuários possam ter controle maior de gastos, principalmente para avaliar preços através de aplicativos no celular, por exemplo. Logo, há uma maior facilidade para adquirir um produto ou serviço baseado na relação tempo/preço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho atingiu seu objetivo geral ao descrever a forma como os entrevistados percebem e tratam de suas finanças, evidenciando que os estudantes de nível superior em Administração têm um conhecimento financeiro superior ao de outros níveis, indo de encontro ao cenário brasileiro apresentado nesse estudo.

Observou-se que a maior parte dos estudantes faz algum tipo de planejamento financeiro, mesmo que seja de maneira incipiente, assim como muitos têm noção de seus gastos mensais e observam preços de produtos frequentemente.

Além disso, percebeu-se que os próprios alunos consideram seu conhecimento financeiro abaixo do que pretendiam ter, e os que possuem conhecimento citam diversas fontes como seu principal meio de informação sobre finanças, sendo que poucos veem as aulas como fonte dessas informações. Além disso, muitos desejam que palestras ou minicursos sejam ministrados sobre o tema no colégio.

O trabalho pode ser utilizado futuramente como um comparativo histórico ou para comparar o conhecimento dos estudantes entrevistados com o de outros níveis de ensino, ou ainda fazer comparativos entre estudantes de universidades públicas e privadas, além disso, o questionário pode ser utilizado, desde que com as devidas adequações, por projetos governamentais ou voluntários para divulgar o tema nos colégios locais.

REFERÊNCIAS

BABIE, E. **Métodos de pesquisa Survey**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BRAIDO, G. M. Planejamento financeiro pessoal dos alunos de cursos da área de gestão: estudo em uma instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul. **Revista Estudo & Debate**, v. 21, n. 1, 2014.

BRASIL. **Caderno de Educação Financeira Gestão de Finanças Pessoais (Conteúdo Básico)**. 2013. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

CAMPOS, A. C. **CNC: endividamento das famílias alcança 66,5% em maio**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-05/cnc-endividamento-das-familias-alcanca-665-em-maio>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CASTRO, F; RODRIGUES, E. **Endividamento das famílias fica em 45,5% em fevereiro**. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/04/28/endividamento-das-familias-fica-em-455-em-fevereiro-revela-bc.html>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CERBASI, G. **Investimentos inteligentes: para conquistar e multiplicar o seu primeiro milhão**. 2008. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/investimentos-inteligentes-para-conquistar-e-multiplicar-o-seu-primeiro-milhao-1-ed-2008/artigo/40af8b1c-20a2-42da-bf2b-2469ddbababa>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CHEROBIM, A. P. M. S; ESPEJO, M. M. S. B. (Orgs). **Finanças pessoais: conhecer para enriquecer!**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

CONEF. **Educação Financeira no Brasil**. 2013. Disponível em: https://www.conef.com.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

D'AQUINO, C. **Educação financeira: como educar seus filhos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA. Conceito de Educação Financeira no Brasil. 2010. Disponível em: https://www.vidaedinheiro.gov.br/educacao-financeira-no-brasil/?doing_wp_cron=1593047172.1449720859527587890625. Acesso em: 03 ago. 2023.

FLORES, S. A. M; VIEIRA, K. M; CORONEL, D. A. Influência de fatores comportamentais na propensão ao endividamento. **Revista de administração FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 13-35, 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. (1999). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 2002. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 28 jun. 2023.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. São Paulo: Pearson Education, 2010.

GOMES, K. L. Planejamento financeiro: levantamento de ferramentas para administradores atuantes em assessoria pessoal financeira. **Monografia** (Bacharelado em Administração) - Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, Rondônia, 2018.

HALFED, M. **Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2006.

KRÜGER, F. **Avaliação da educação financeira no orçamento familiar**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Tecnologia Pedro Rogério Garcia, FATTEP, Concórdia, Santa Catarina, 2014.

LANGARO, A. **Perfil da população brasileira em relação a gestão de finanças pessoais**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade e Escola – FAT, Tapejara, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://www.fatrs.com.br/faculdade/uploads/tcc/ab13160ef22408b8ed5790abeec0d483.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.

LIZOTE, S. A. et al. Finanças Pessoais: Um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma instituição de ensino superior. **Revista da UNIFEBE**, Brusque, v.1, n. 19, 2016.

LÜCKE, V. A. C. et al. Comportamento financeiro pessoal: um comparativo entre jovens e adultos de uma cidade da região noroeste do estado do RS. **XVII SemeAD**, p. 1 – 17, 2014. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/17semead/resultado/trabalhosPDF/330.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.

LUCCI, C. R. et al. (2006). A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **IX SemeAD**, p. 1 – 12, 2006. Disponível em: http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/266.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

NIGRO, T. **Do mil ao milhão**: sem cortar o cafezinho. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

O POVO. **Você sabe o que é cidadania financeira?**. 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/saudefinanceira/2020/08/24/voce-sabe-o-que-e-cidadania-financeira.html>. Acesso em: 03 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness. Recommendation of The Council. 2005.

PETER, L. D; PALMEIRA, E. M. **Estudo sobre a inclusão da educação financeira como disciplina escolar a partir das séries iniciais**. 2013. Disponível em: <http://atlante.eumed.net/wp-content/uploads/disciplina-escolar.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.

PINHEIRO, R. P. **Educação financeira e previdenciária**: A nova fronteira dos fundos de pensão. 2008. Disponível em: http://www.mps.gov.br/arquivos/office/3_090420-113416-244.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

PINHO, T. et al. Educação financeira e formação de cidadãos conscientes: prática de extensão universitária no ambiente escolar. In: Congresso Iberoamericano de Extension Universitaria, Santa Fé, 2011.

REIS, C. V. S; MATSUMOTO, A. S; BARRETO, R. A. A propensão ao endividamento pessoal no Distrito Federal. **Revista de Economia e Administração**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 415-427, 2013.

RIBEIRO, J. F. B. M. **Os benefícios do planejamento das finanças pessoais na qualidade de vida do indivíduo**. Dissertação de Pós Graduação Administração, Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Programa de pós Graduação em Administração Curso de Finanças, Porto Alegre, 2014.

ROSSINI, C. Finanças pessoais: estudo com acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior do Vale do Taquari. **Monografia** (Bacharelado em Ciências Contábeis) - Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Lajeado, 2019.

SAITO, A. T. Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, FGV: São Paulo, 2007a.

SAITO, A. T. Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil. **Dissertação** (Mestrado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007b.

SANTOS, G. H. O. Educação financeira escolar para estudantes com deficiência visual. **Dissertação** (Mestrado profissional em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2014.

SECCHI, K; VIEIRA, F. F; RAMOS, L. B. O consumismo e a mídia: uma perspectiva psicológica. Revista do Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul. **Revista Barbarói**, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, v. 49, p. 301-324, 2017.

SILVA, A. C. B. S; COELHO, B. M. L; SILVA, F. C. L. Aplicativos de gestão financeira: um estudo exploratório financeiro. **Revista Pesquisa em Administração UFPE**, v. 4, p. 1-21, 2020.

SILVA, R. L; OLIVEIRA, J. A; SILVA, M. A. A. Educação Financeira como influenciadora de decisões. **V CONEDU**, p. 1 – 12, 2018. Disponível em: Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_M D1_SA17_ID8685_09092018014851.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

SOUZA, E. M. et al. Perfil de consumo e endividamento de universitários em Administração. **Revista de Contabilidade, Ciência da Gestão e Finanças**, Caxias do Sul, v. 4, n. 2, p. 3-15, 2016.

VIEIRA, E. G. F. Qualidade de vida e endividamento: estilos de vida associados ao descontrole financeiro e consequências na vida pessoal e profissional. **Dissertação** (Mestrado em Administração) - Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Empresariais, 2012.